26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DESINFORMAÇÃO: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS PARA A CI

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND DISINFORMATION: *EPISTEMOLOGICAL CHALLENGES FOR IS*

Aldo Faria Costa – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Maurício Barcellos Almeida – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A intensificação das tecnologias digitais e o avanço da Inteligência Artificial (IA) têm transformado os processos de produção, circulação e validação da informação, ampliando os desafios relacionados à desinformação, sobretudo diante da IA generativa, capaz de produzir conteúdos sintéticos verossímeis. Este artigo analisa como essas transformações interferem na produção e disseminação de conteúdos desinformativos, discutindo suas implicações para a Ciência da Informação. Trata-se de um ensaio teórico exploratório, fundamentado em pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa, que articula os conceitos de informação e desinformação com as perspectivas epistemológicas de Thomas Kuhn (2013) e Gaston Bachelard (1996), a partir de um modelo interpretativo estruturado em três eixos complementares. Os resultados indicam que a desinformação resulta da interação entre mediação algorítmica, reconfiguração dos mecanismos de legitimação do conhecimento e obstáculos epistemológicos presentes nos processos de interpretação da informação. Conclui-se que seu enfrentamento exige o desenvolvimento de competências críticas e a compreensão dos processos sociotécnicos que organizam a circulação do conhecimento na contemporaneidade.
Palavras-chave: Ciência da Informação; Desinformação; Inteligência Artificial; Epistemologia; Produção do Conhecimento.

Abstract: The intensification of digital technologies and the advancement of Artificial Intelligence (AI) have transformed the processes of information production, circulation, and validation, increasing challenges related to disinformation, particularly in light of generative AI, capable of producing highly plausible synthetic content. This paper analyzes how these transformations interfere with the production and dissemination of disinformative content, discussing their implications for Information Science. Methodologically, the study is an exploratory theoretical essay based on bibliographic research and a qualitative approach, articulating the concepts of information and disinformation with the epistemological perspectives of Thomas Kuhn (2013) and Gaston Bachelard (1996), based on an interpretive

model structured in three complementary axes. The findings indicate that disinformation results from the interaction between algorithmic mediation, the reconfiguration of knowledge legitimation mechanisms, and epistemological obstacles involved in information interpretation processes. It is concluded that addressing disinformation requires the development of critical competencies and an understanding of the sociotechnical processes that organize the circulation of knowledge in contemporary society.
Keywords: Information Science; Disinformation; Artificial Intelligence; Epistemology; Knowledge Production.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pela intensificação das tecnologias digitais, pela expansão das redes de comunicação e pelo avanço da Inteligência Artificial (IA), transformações que têm alterado significativamente os processos de produção, circulação e validação da informação. Se, por um lado, essas tecnologias ampliam as possibilidades de acesso ao conhecimento, por outro favorecem a rápida disseminação de conteúdos enganosos, ampliando os desafios relacionados à desinformação (Head, 2017; Barini, 2022).

Embora a circulação de informações falsas não constitua um fenômeno novo, os ambientes digitais potencializam sua velocidade, alcance e capacidade de influência social. A combinação entre plataformas digitais, algoritmos de recomendação e sistemas de IA generativa permite que conteúdos sejam produzidos, personalizados e distribuídos em larga escala, dificultando processos tradicionais de verificação e validação informacional. Nesse contexto, a desinformação deixa de representar apenas um problema comunicacional e passa a configurar um desafio epistemológico relacionado aos critérios de produção, legitimação e apropriação do conhecimento.

No âmbito da Ciência da Informação (CI), essa problemática assume especial relevância, uma vez que afeta diretamente os processos de organização, mediação e uso da informação. Além disso, a crescente influência dos sistemas algorítmicos sobre a visibilidade dos conteúdos modifica formas tradicionais de autoridade informacional. Diante desse cenário, este artigo busca responder à seguinte questão de pesquisa: como as transformações tecnológicas contemporâneas interferem na produção e disseminação da desinformação? Para tanto, tem como objetivo analisar os impactos das tecnologias digitais e da IA sobre os processos de circulação e legitimação da informação, discutindo suas implicações epistemológicas para a CI.

A pesquisa fundamenta-se na articulação entre contribuições da CI e da Epistemologia, mobilizando especialmente os conceitos de informação e desinformação, os paradigmas científicos de Thomas Kuhn (2013) e os obstáculos epistemológicos de Gaston Bachelard (1996). A contribuição do estudo consiste em propor um modelo interpretativo que integra transformações tecnológicas, reconfiguração dos mecanismos de legitimação do conhecimento e obstáculos epistemológicos envolvidos na recepção da informação.

2 INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO: CIRCULAÇÃO, PODER E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

A CI compreende a informação como fenômeno que ultrapassa abordagens exclusivamente técnicas ou documentais, reconhecendo seu papel central na produção do conhecimento, na organização das relações sociais e na constituição das estruturas de poder. Nesse campo, a informação não é reduzida ao conteúdo transmitido entre emissor e receptor, mas entendida como processo complexo que envolve produção, circulação, mediação, apropriação e uso social. Essa ampliação conceitual torna-se particularmente evidente nas discussões propostas por Capurro e Hjørland (2003), que argumentam que o conceito de informação possui natureza histórica e polissêmica, assumindo significados distintos conforme os contextos científicos e sociais em que é empregado.

A compreensão da informação como fenômeno social e epistemológico também encontra respaldo na própria constituição da CI. Para Saracevic (1996), trata-se de um campo interdisciplinar dedicado ao estudo dos processos de produção, organização, recuperação e uso da informação. Nessa mesma direção, Pinheiro (2005) destaca que a evolução da área ampliou o foco tradicional centrado em documentos e sistemas de informação, incorporando dimensões cognitivas, sociais, culturais e epistemológicas.

No mesmo sentido, Buckland (1991) propõe uma distinção que se tornou referência na área ao diferenciar três formas de compreender a informação: (1) informação como processo, relacionada ao ato de informar; (2) informação como conhecimento, associada às transformações cognitivas produzidas no sujeito; e (3) informação como coisa, correspondente aos registros materiais que armazenam e transportam conteúdos. Essa formulação é particularmente relevante porque demonstra que a disponibilidade documental não equivale automaticamente à produção de conhecimento.

Essa discussão é aprofundada por Le Coadic (2004) ao defender que a informação constitui recurso estratégico das sociedades contemporâneas, mas que sua apropriação depende de processos interpretativos e mecanismos de validação social. Em outras palavras, o crescimento exponencial dos fluxos informacionais não implica, necessariamente, ampliação proporcional da capacidade crítica dos indivíduos. É nesse contexto de abundância informacional que emerge a desinformação como problema central da contemporaneidade. Segundo Fallis (2015), a desinformação deve ser compreendida como informação enganosa capaz de conduzir sujeitos à formação de crenças equivocadas. Tal definição desloca o foco da intenção do emissor para os efeitos produzidos pela circulação do conteúdo, ampliando as possibilidades analíticas para a CI.

Essa perspectiva foi posteriormente sistematizada por Wardle e Derakhshan (2017) ao proporem três categorias de desordem informacional: (1) *misinformation,* caracterizada pela disseminação de informações falsas sem intenção deliberada de causar dano; (2) *disinformation,* referente à produção e ao compartilhamento intencional de informações falsas com o objetivo de enganar ou manipular; e (3) *malinformation,* relacionada ao uso de informações verdadeiras, porém retiradas de contexto ou divulgadas estrategicamente para provocar danos, constrangimentos ou prejuízos. Portanto, o desafio contemporâneo não reside apenas na falsidade do conteúdo, mas na forma como sistemas tecnológicos condicionam sua circulação e recepção. Como afirma Castells (1999, p. 565), “as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades”.

Nesse cenário, redes sociais e plataformas digitais assumem papel estruturante na mediação informacional. Diferentemente dos modelos tradicionais de comunicação, nos quais processos editoriais e institucionais exerciam maior controle sobre a circulação dos conteúdos, os ambientes digitais operam por mecanismos algorítmicos orientados principalmente por métricas de engajamento. Conforme Castells (1999), a emergência da sociedade em rede promove uma reorganização estrutural das relações sociais, econômicas e informacionais, deslocando o poder para os fluxos de informação e para as redes capazes de organizar a comunicação em escala global.

Essa transformação também pode ser compreendida a partir das contribuições de Lévy (1999), para quem a cibercultura inaugura novas formas de produção coletiva do conhecimento, caracterizadas pela inteligência distribuída e pela ampliação das possibilidades de participação informacional. Entretanto, os mesmos mecanismos que

favorecem a inteligência coletiva também ampliam a circulação de conteúdos desinformativos, tornando a validação da informação um dos principais desafios epistemológicos da contemporaneidade.

Nesse contexto, plataformas digitais deixam de atuar apenas como canais de circulação e passam a influenciar diretamente quais conteúdos recebem atenção coletiva. Conforme argumenta Zuboff (2021), o capitalismo de vigilância baseia-se na coleta contínua de dados comportamentais para previsão e modulação das ações humanas. Os efeitos desse processo manifestam-se na formação das chamadas câmaras de eco, conceito desenvolvido por Sunstein (2017) para explicar ambientes informacionais nos quais indivíduos são continuamente expostos a conteúdos compatíveis com crenças anteriores, reduzindo diversidade cognitiva e ampliando vulnerabilidade à desinformação.

2.1 KUHN E A RECONFIGURAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE LEGITIMAÇÃO DO CONHECIMENTO NA ERA DIGITAL

A desinformação no contexto algorítmico demanda uma análise dos mecanismos que determinam a legitimidade da informação, e não apenas dos conteúdos circulantes. As plataformas digitais e os sistemas de IA transformaram os canais de distribuição, mas, fundamentalmente, alteraram os processos sociais e institucionais que validam o conhecimento. As contribuições de Kuhn (2013) fornecem o arcabouço teórico para interpretar essas transformações contemporâneas nos processos de produção e reconhecimento do conhecimento.

Cabe explicitar os termos dessa apropriação: os conceitos kuhnianos de paradigma, anomalia e crise paradigmática são usados aqui de forma analógica, não conceitual – não se afirma que ecossistemas informacionais digitais operem pelos mesmos mecanismos de consenso da ciência normal. Essa transposição tem limites: a legitimação algorítmica carece de instância coletiva de verificação equivalente à revisão por pares, sendo regulada por critérios de engajamento, e não de validade do conhecimento (Lemos; Espíndola, 2024). Assim, a "anomalia" que a mediação algorítmica introduz no paradigma da autoridade informacional deve ser lida como recurso interpretativo para uma tensão estrutural entre regimes de legitimação concorrentes, e não como aplicação literal da epistemologia da ciência a ambientes não científicos.

Em sua obra, *A estrutura das revoluções científicas*, Kuhn (2013) questiona a concepção linear e cumulativa do progresso científico e argumenta que o desenvolvimento do conhecimento ocorre por meio de mudanças descontínuas organizadas em torno de **paradigmas**. Para o autor, paradigmas correspondem a estruturas compartilhadas que orientam problemas legítimos, métodos aceitos e critérios reconhecidos de validação dentro de determinada comunidade científica.

Nesse sentido, ele afirma que "Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica" (Kuhn, 2013, p. 30); em períodos de ciência normal, tais paradigmas reduzem o interesse por descobertas e inovações radicais (Kuhn, 2013). Historicamente, os processos de legitimação do conhecimento estiveram fortemente associados às instituições especializadas como universidades, editoras científicas, meios de comunicação e sistemas formais de revisão. De forma simplificada, esse modelo operava segundo a lógica: **Produção → Avaliação institucional → Publicação → Circulação → Legitimação.**

A mediação algorítmica e a lógica de engajamento podem ser lidas, analogicamente, como fator de tensão que desloca a certificação institucional para uma posição concorrente, e não mais exclusiva, de legitimidade. A circulação informacional passa a ocorrer em ecossistemas mediados por algoritmos, mecanismos de recomendação e plataformas orientadas ao engajamento. Nesse novo contexto, emerge uma lógica alternativa: **Produção → Mediação algorítmica → Amplificação → Circulação → Reconhecimento social.**

Essa transformação não implica substituição das instituições tradicionais, mas coexistência entre diferentes mecanismos de autoridade informacional, nos quais conteúdos passam a disputar legitimidade não apenas por critérios científicos ou institucionais, mas também por alcance e capacidade de mobilização – dinâmica que se torna ainda mais complexa com o avanço dos sistemas de IA.

Sob essa perspectiva, a desinformação deixa de ser compreendida apenas como problema de falsidade factual e passa a ser interpretada como consequência da coexistência de múltiplos mecanismos concorrentes de reconhecimento público da informação. Autores como Han (2018) observam que o excesso de informação produz saturação comunicacional e tende a deslocar a atenção dos critérios de verificação para métricas de circulação. Assim, conteúdos altamente compartilhados passam a adquirir aparência de legitimidade independentemente de sua consistência epistemológica.

Para a CI, o desafio contemporâneo consiste menos em ampliar acesso aos conteúdos e mais em compreender como novas infraestruturas tecnológicas reconfiguram a produção e o reconhecimento do conhecimento – o que conduz à necessidade de incorporar o referencial de Bachelard (1996) para compreender como os sujeitos recebem e interpretam conteúdos em ambientes marcados pela abundância informacional.

2.2 BACHELARD E O OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO NA VALIDAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A desinformação, em um ambiente digital marcado pela abundância informacional, impõe à CI o desafio de compreender o obstáculo epistemológico que atua na leitura do sujeito. O acesso facilitado não se traduz automaticamente em validação crítica. Nesse contexto, o conceito de **obstáculo epistemológico** de Bachelard (1996) é fundamental para analisar os mecanismos internos que dificultam a ruptura com o saber prévio e a adesão a conteúdos enganosos.

Na obra *A formação do espírito científico*, Bachelard (1996) argumenta que o conhecimento se desenvolve pela ruptura e não por simples acúmulo linear de fatos ou experiências. Os principais impedimentos ao avanço do saber não são apenas externos (como a falta de dados), mas internos ao próprio ato de conhecer, configurando-se em estruturas cognitivas que resistem à crítica e à retificação. Nesse sentido, Bachelard (1996, p. 17) afirma que “é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos”. O erro, portanto, não é acidental, mas uma resistência estrutural do espírito que tende a preferir o que confirma seu saber àquilo que o contradiz.

Aplicada ao contexto informacional contemporâneo, a desinformação prospera onde os obstáculos bachelardianos são reforçados pela lógica algorítmica. Destacam-se dois obstáculos cruciais: a "experiência primeira", marcada pelo apelo emocional e pela evidência sensível que seduz o sujeito, gerando uma sensação imediata de autenticidade que dispensa o raciocínio crítico; e o "conhecimento geral", que privilegia explicações simplificadas e narrativas de polarização em detrimento da análise complexa, inibindo a dialética necessária à construção do conhecimento.

É importante precisar que esses obstáculos não explicam apenas, em abstrato, a resistência ao conhecimento novo: atuam sobre os critérios concretos de julgamento de um conteúdo. A experiência primeira opera quando a verossimilhança sensorial de um conteúdo

(a nitidez de uma imagem, a naturalidade de uma voz sintetizada) é tomada como prova de veracidade, dispensando a checagem da fonte – mecanismo intensificado pela IA generativa, que produz estímulos sensíveis com verossimilhança crescente independentemente da correspondência factual. Já o conhecimento geral opera quando narrativas simplificadas e polarizadas são aceitas por se encaixarem em esquemas interpretativos já consolidados, evitando considerar exceções ou evidências contraditórias – processo potencializado pelas câmaras de eco (Sunstein, 2017), que restringem o contato do sujeito com informações dissonantes.

Sendo assim, o desafio da desinformação para a CI não se resolve apenas com a tecnologia, mas exige competência crítica capaz de promover a "psicanálise do conhecimento" no indivíduo, possibilitando a validação reflexiva da informação.

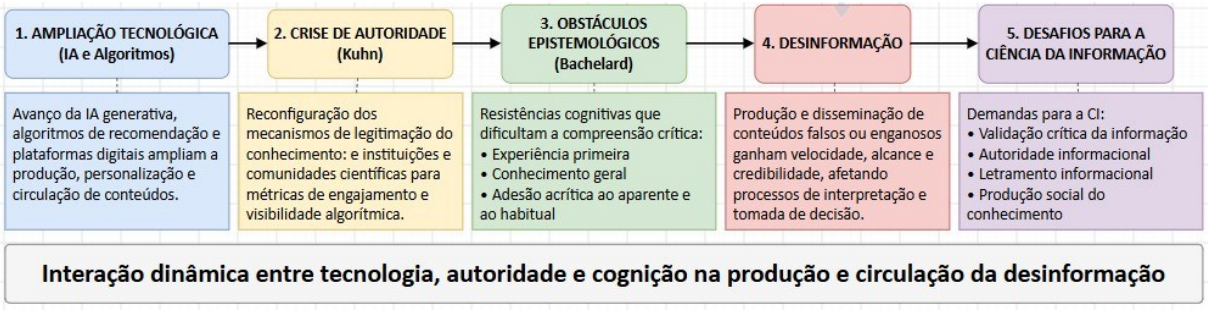
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo configura-se como um ensaio teórico de natureza exploratória, qualitativa e bibliográfica. Conforme Gil (2019), pesquisas exploratórias buscam ampliar a compreensão de fenômenos ainda em consolidação teórica. Para investigar o fenômeno da desinformação na era da IA, propõe-se um modelo interpretativo estruturado em três eixos teóricos complementares: (1) **Eixo Conceitual**, que problematiza os conceitos de informação e desinformação no campo da CI; (2) **Eixo Epistemológico da Autoridade**, que analisa as transformações contemporâneas nos critérios de legitimação do conhecimento a partir de Kuhn (2013); e (3) **Eixo Epistemológico da Recepção**, que examina os obstáculos epistemológicos envolvidos na validação da informação à luz de Bachelard (1996). A articulação desses eixos fundamenta um modelo analítico que compreende a desinformação como resultante da interação entre mediação algorítmica, reconfiguração dos mecanismos de autoridade e barreiras cognitivas presentes na interpretação da informação. A análise foi conduzida por meio da interpretação crítica dos referenciais selecionados, buscando identificar convergências teóricas entre os conceitos de autoridade informacional, paradigma científico e obstáculo epistemológico.

A revisão bibliográfica que sustenta este ensaio foi conduzida entre março e agosto de 2026, com buscas nas bases Scopus, Web of Science, Scielo, BRAPCI e arXiv, complementadas por periódicos brasileiros de CI (Liinc em Revista, Logeion, Tendências da Pesquisa Brasileira em CI e Perspectivas em Ciência da Informação), a partir dos descritores

"desinformação", "IA generativa", "LLM" e "deepfake", combinados pelo operador AND. As obras de Kuhn (2013) e Bachelard (1996) foram incluídas independentemente da data; os estudos sobre desinformação e IA foram priorizados no recorte 2022-2026, para capturar o estado da arte sobre IA generativa e desinformação algorítmica, considerando: (i) aderência direta ao tema; (ii) relevância evidenciada pela publicação em veículos avaliados por pares; e (iii) complementaridade aos referenciais centrais. Cabe precisar que essas buscas apoiaram a construção argumentativa do ensaio, sem registro do número de trabalhos recuperados ou selecionados nem constituição de corpus submetido a análise sistemática – limitação que se assume.

Figura 1 – Modelo interpretativo da desinformação contemporânea



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O modelo da Figura 1 foi construído identificando, no levantamento bibliográfico, conceitos recorrentes associados à desinformação; organizando-os nos três eixos que estruturam a análise, cada um ancorado a um referencial específico; e interpretando criticamente os referenciais, buscando convergências e tensões, o que resultou na síntese da Seção 4. Os cinco elementos da Figura 1 seguem esse percurso: o primeiro situa o contexto tecnológico; o segundo e o terceiro correspondem aos eixos da Autoridade (Kuhn) e da Recepção (Bachelard); os dois últimos são o fenômeno resultante e suas implicações – o Eixo Conceitual os fundamenta transversalmente. As setas indicam sequência expositiva, não causal; as relações são interativas. Trata-se, portanto, de procedimento hermenêutico e qualitativo, e não de revisão sistemática com protocolo pré-registrado; suas conclusões são proposições teóricas, passíveis de exame empírico em pesquisas futuras.

4 DESINFORMAÇÃO COMO CRISE EPISTEMOLÓGICA: UMA SÍNTESE INTERPRETATIVA

Esta seção articula os referenciais teóricos discutidos anteriormente para analisar a desinformação como fenômeno resultante da interação entre transformações tecnológicas,

reconfiguração dos mecanismos de legitimação do conhecimento e obstáculos epistemológicos presentes nos processos de recepção da informação. Com base no modelo interpretativo proposto, discutem-se os impactos da IA, da mediação algorítmica e das dinâmicas de circulação informacional na produção e disseminação da desinformação contemporânea.

Cabe situar o estatuto desta seção: enquanto a Seção 2 revisou os referenciais de Kuhn (2013) e Bachelard (1996) tal como formulados originalmente, esta seção corresponde à interpretação proposta pelos autores, que articula esses referenciais para analisar a desinformação mediada por IA. O resultado dessa interpretação é o modelo analítico da Figura 1 e do Quadro 1; as afirmações a seguir devem, portanto, ser lidas como proposições teóricas, e não como resultados empíricos obtidos por coleta e análise sistemática de dados – limitação que se registra como direção para pesquisas futuras.

4.1 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A RECONFIGURAÇÃO DOS PARADIGMAS DE VALIDAÇÃO

O primeiro eixo de análise, **Ampliação Tecnológica**, examina o papel da IA e dos sistemas algorítmicos na reconfiguração do ecossistema informacional. Como discutido na Seção 2.1, o avanço da IA aprofunda a anomalia que desloca a certificação institucional: plataformas digitais, orientadas a um modelo econômico de otimização comportamental, empregam algoritmos de recomendação estruturalmente orientados por métricas de **engajamento** e **permanência** do usuário, o que pode ocorrer em detrimento da factualidade.

A crescente presença da IA amplia as possibilidades de produção e circulação de conteúdos sintéticos. Para Flusser (2007), as sociedades contemporâneas são progressivamente organizadas por imagens técnicas e sistemas codificados que tendem a escapar da percepção crítica imediata dos sujeitos, pois “as imagens técnicas são superfícies que pretendem representar algo. Na verdade, porém, representam textos que conceberam as imagens” (Flusser, 2007, p. 14). Esse processo intensifica-se com a IA generativa, que produz textos, imagens, áudios e vídeos com elevada aparência de autenticidade, dificultando a distinção entre representação, interpretação e fabricação informacional, e permitindo que conteúdos produzidos artificialmente adquiram aparência de realidade e disputem legitimidade com registros documentais e evidências verificáveis.

Nesse contexto, a desinformação deixa de depender exclusivamente da ação humana direta e passa a incorporar mecanismos automatizados de produção, amplificação e

disseminação de conteúdos, uma vez que modelos de linguagem de grande escala (*LLMs)* e tecnologias de *deepfake* permitem sua criação automatizada. Diferentemente dos algoritmos de recomendação, que atuam principalmente na amplificação da circulação, a IA generativa participa diretamente da produção dos conteúdos, ampliando os desafios relacionados à verificação, à confiabilidade e à legitimidade da informação. Como observam Wardle e Derakhshan (2017), tais transformações introduzem novas formas de desordem informacional, exigindo da CI respostas capazes de compreender não apenas a circulação, mas também a fabricação automatizada da desinformação.

O resultado desse processo é uma coexistência de critérios de autoridade: o reconhecimento institucional convive com a legitimação social baseada em alcance e viralização. A lógica algorítmica pode funcionar como fator de credibilidade, contribuindo para uma disputa entre critérios de legitimação concorrentes sobre o que é reconhecido publicamente como conhecimento legítimo.

Estudos recentes oferecem evidências empíricas dessa transformação: LLMs já demonstraram capacidade de gerar conteúdo persuasivo em nível igual ou superior ao de persuasores humanos (Salvi *et al*., 2024); revisão de escopo confirma o caráter dual da tecnologia, capaz de gerar desinformação convincente e também auxiliar em sua detecção, com mitigação ainda inconsistente (Park; Nan, 2025); e levantamentos sobre deepfakes multimodais indicam aumento de quatro vezes nos casos de fraude identificados entre 2023 e 2024 (Chandra *et al*., 2025). A Unesco (2025) descreve ainda o "dividendo do mentiroso" – a possibilidade de que evidências autênticas sejam descartadas como fabricações de IA –, aprofundando a crise de validação discutida nesta seção a partir de Kuhn (2013).

4.2 O PODER INFORMACIONAL E A FORMAÇÃO DAS CÂMARAS DE ECO

O segundo eixo de discussão, denominado Crise de Autoridade, aborda a dimensão política e social da desinformação, manifesta na reconfiguração do poder informacional. Sob a perspectiva de Castells (1999), as redes digitais constituem a infraestrutura central da sociedade contemporânea, na qual o poder passa a ser exercido pela capacidade de organizar fluxos de informação e influenciar processos comunicacionais em larga escala; a mediação algorítmica intensifica essa lógica ao transformar visibilidade e circulação em recursos estratégicos de poder simbólico.

A utilização estratégica de dados comportamentais em processos de segmentação informacional evidencia a dimensão econômica da desinformação. Conforme Zuboff (2021), o capitalismo de vigilância transforma dados pessoais em matéria-prima para previsão e modelação comportamental. Nesse contexto, a circulação de conteúdos deixa de ser orientada exclusivamente por critérios informacionais e passa a integrar estratégias de influência política, comercial e social.

A intervenção algorítmica sobre a visibilidade dos conteúdos tem impacto direto sobre os processos de influência na esfera pública, como exemplificado pelo caso Cambridge Analytica (Cadwalladr, 2018). Embora a literatura rejeite o determinismo tecnológico, ela indica a capacidade das plataformas de ampliar narrativas específicas, influenciar agendas públicas, reforçar polarizações e aumentar a exposição seletiva dos indivíduos – seletividade teorizada por Sunstein (2017) como formação de câmaras de eco. Do ponto de vista da CI, a redução da diversidade cognitiva amplia a vulnerabilidade à desinformação, evidenciando que a disputa pela atenção é também uma disputa pela definição social do que será percebido como verdadeiro, relevante ou confiável.

4.3 A SÍNTESE EPISTEMOLÓGICA: KUHN, BACHELARD E O DESAFIO DA VALIDAÇÃO CRÍTICA

Os casos históricos e contemporâneos de desinformação demonstram que o sucesso de conteúdos enganosos não depende exclusivamente de sua falsidade factual, mas de sua capacidade de mobilizar adesão simbólica e emocional. O Quadro 1 sintetiza a dinâmica epistemológica observada nos processos de circulação e legitimação da desinformação.

Quadro 1 – Dinâmica epistemológica da desinformação

Dimensão analítica	Manifestação na desinformação	Referencial mobilizado
Produção e circulação	Disponibilização e acesso ao conteúdo	Capurro e Hjorland (2003), Buckland (1991) e Le Coadic (2004)
Adesão emocional	Adesão afetiva a conteúdos com aparência de autenticidade (leitura interpretativa)	Bachelard (1996)
Amplificação em rede	Circulação e viralização em plataformas digitais	Castells (1999)
Legitimação social	Aparência de credibilidade conferida pela circulação (leitura interpretativa)	Kuhn (2013)

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

As dimensões do Quadro 1 não configuram sequência temporal fixa ou exaustiva, mas aspectos analíticos recorrentes. A associação de Bachelard (1996) à "Adesão emocional" e de Kuhn (2013) à "Legitimação social" é interpretativa, não aplicação direta das categorias originais desses autores.

A desinformação prospera em contextos nos quais o **obstáculo da Experiência Primeira** é reforçado. O apelo emocional e a verossimilhança imediata do conteúdo (frequentemente amplificados pela IA generativa e pela viralização) funcionam como uma pseudo certeza que dispensa o raciocínio. A mediação algorítmica nas câmaras de eco, por sua vez, reforça o **obstáculo do Conhecimento Geral**, pois a exposição seletiva impede a dialética e a ruptura com o saber prévio, favorecendo explicações simplificadas.

A articulação entre Kuhn (2013) e Bachelard (1996) permite compreender que o problema da desinformação é de natureza dual: **1. Dimensão Externa (Kuhn):** uma tensão análoga a uma crise paradigmática, na qual a tecnologia reconfigura os critérios de autoridade informacional e de reconhecimento do que é aceito como verdade. **2. Dimensão Interna (Bachelard):** um obstáculo epistemológico do sujeito, no sentido bachelardiano, dificultando a "psicanálise do conhecimento" necessária para a validação reflexiva da informação.

Dessa forma, o enfrentamento da desinformação, na perspectiva da CI, exige não apenas soluções técnicas como a checagem factual, mas o desenvolvimento de competências críticas capazes de romper com os obstáculos cognitivos e de atuar de forma reflexiva frente aos novos regimes de autoridade. Sob a perspectiva da complexidade proposta por Morin (2010), a desinformação não pode ser reduzida a causas isoladas, devendo ser compreendida como resultado da interação entre fatores tecnológicos, cognitivos, políticos e sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico analisou os impactos epistemológicos da IA e da mediação algorítmica na desinformação, caracterizando-a como uma crise de natureza dual que reconfigura tanto a autoridade quanto a recepção da informação, ao promover a convergência entre a crise das instituições tradicionais, a automação da verossimilhança e o reforço de obstáculos epistemológicos. A principal contribuição deste estudo reside em evidenciar que o fenômeno transcende a dimensão técnica, exigindo o fortalecimento do

letramento informacional e da competência crítica para que os sujeitos atuem reflexivamente frente aos novos regimes de verdade. Nesse sentido, e conforme Morin (2010), a desinformação não pode ser reduzida a fatores exclusivamente tecnológicos ou cognitivos, mas emerge da interação entre sistemas técnicos, práticas sociais, interesses políticos e processos de construção do conhecimento.

Futuras investigações poderão explorar empiricamente os efeitos da IA generativa sobre o comportamento informacional e a formação de crenças. Em uma sociedade mediada por sistemas algorítmicos, compreender como o conhecimento é legitimado torna-se tão relevante quanto ampliar seu acesso — um dos principais desafios contemporâneos para a CI.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARINI, Filipe. Na guerra na Ucrânia, mentiras e desinformação são armas nos dois lados do front; conheça nove casos. **Grupo Globo**, São Paulo, 8 mar. 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/na-guerra-na-ucrania-mentiras-desinformacao-sao-armas-nos-dois-lados-do-front-conheca-nove-casos-25422697. Acesso em: 21 maio 2026.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as a thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351–360, 1991. Disponível em: https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5%3C351::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-3. Acesso em: 21 maio 2026.

CADWALLADR, Carole. Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. **BBC News Brasil**, mar. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751. Acesso em: 18 maio 2026.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. The concept of information. *In*: CRONIN, B. (org.). **Annual Review of Information Science and Technology**. Medford: Information Today, 2003. p. 343–411.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHANDRA, Nuria Alina; LEE, Hannah; MURTFELDT, Ryan; QIU, Lin; KARMAKAR, Arnab; TANUMIHARDJA, Emmanuel; FARHAT, Kevin; CAFFEE, Ben; LEE, Changyeon; CHOI, Jongwook; PAIK, Sejin; KIM, Aerin; ETZIONI, Oren. Deepfake-Eval-2024: a multi-modal in-the-wild benchmark of deepfakes circulated in 2024. **arXiv**, 2025. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2503.02857. Acesso em: 4 set. 2026.

FALLIS, Don. What is disinformation? **Library Trends**, Baltimore, v. 63, n. 3, p. 401–426, 2015. Disponível em: http://www.ideals.illinois.edu/items/92058/bitstreams/300516/data.pdf. Acesso em: 21 maio 2026.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado:** por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HAN, Byung-Chul. **No enxame:** perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HEAD, Jonathan. Myanmar conflict: fake photos inflame tension. **BBC**, 1 set. 2017. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-asia-41123878. Acesso em: 21 maio 2026.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Coleção debates).

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LEMOS, Grayce; ESPÍNDOLA, Marina Bazzo de. A questão algorítmica: a pós-verdade e a crise da democracia. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 11, p. e-7362, 2024. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/7362. Acesso em: 4 set. 2026.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PARK, Seyeon; NAN, Xiaoli. Generative AI and misinformation: a scoping review of the role of generative AI in the generation, detection, mitigation, and impact of misinformation. **AI & Society**, [*s. l.*], v. 41, p. 1501-1515, 2025. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s00146-025-02620-3. Acesso em: 4 set. 2026.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13–48, 2005. Disponível em: https://ridi.ibict.br/items/c21e9ff1-13c7-453d-a57d-c70d28be27ef. Acesso em: 4 set. 2026.

SALVI, Francesco; RIBEIRO, Manoel Horta; GALLOTTI, Riccardo; WEST, Robert. On the conversational persuasiveness of large language models: a randomized controlled trial. **arXiv**, 2024. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2403.14380. Acesso em: 4 set. 2026.

SARACEVIC, Tefko. Information science: origin, evolution and relations. *In*: PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 1991, Finland. **Proceedings** […]. Finland: University of Tampere, Finland, 1996. p. 5–27.

SUNSTEIN, Cass Robert. **#Republic:** divided democracy in the age of social media. Princeton: Princeton University Press, 2017.

UNESCO. **Deepfakes and the crisis of knowing**. Paris: Unesco, 2025. Disponível em: https://www.unesco.org/en/articles/deepfakes-and-crisis-knowing. Acesso em: 4 set. 2026.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder:** toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Estrasburgo: Council of Europe Publishing, 2017.

Disponível em: https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html. Acesso em: 19 maio 2026.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.